



# **Caracterização cênica: um relato sobre processos de ensino- aprendizagem-criação de maquiagem**

Lucas de Carvalho Larcher Pinto

**Para citar este artigo:**

PINTO. Lucas de Carvalho Larcher. **Caracterização cênica: um relato sobre processos de ensino-aprendizagem-criação de maquiagem.** *A Luz em Cena*, Florianópolis, v.5, n.10, dez. 2025.

 DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/27644669051020250701>

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software | iThenticate*



# Caracterização cênica: um relato sobre processos de ensino-aprendizagem-criação de maquiagem

Lucas de Carvalho Larcher Pinto<sup>1</sup>

## Resumo

Este texto compartilha minha experiência de docência na disciplina *Caracterização*, oferecida no curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), nos anos de 2017 e 2018. A escrita contextualiza o relato e apresenta o caminho proposto por mim para ensinar-aprender-criar caracterização cênica, em específico a maquiagem, no ensino superior. Além disso, evidencia os exercícios propostos e as táticas artístico-pedagógicas elaboradas, articulando conhecimentos sobre maquiagem com diferentes aspectos da encenação teatral e das práticas pedagógicas em Teatro. Para tanto, são utilizados como material de apoio os registros fotográficos das aulas e dos trabalhos finais desenvolvidos pelas turmas ao longo dos semestres.

**Palavras-chave:** Caracterização Cênica. Maquiagem. Táticas Artístico-pedagógicas.

## Scenic characterization: a report on teaching-learning-creation processes in makeup

## Abstract

This text shares my teaching experience in the Characterization course, offered in the Theater program at the Federal University of Uberlândia (UFU), during the years 2017 and 2018. The writing contextualizes the account, presenting the path I proposed for teaching-learning-creating stage characterization, specifically makeup, in higher education. Furthermore, it highlights the proposed exercises and the artistic-pedagogical tactics developed, connecting knowledge about makeup with different aspects of theatrical staging and pedagogical practices in Theater. To this end, photographic records of the classes and the final projects developed by the students throughout the semesters are used as supporting material.

**Keywords:** Scenic Characterization. Makeup. Artistic-pedagogical Strategies.

---

<sup>1</sup> Lucas Larcher é artista-docente-pesquisador. Doutorando em Artes pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Mestre em Artes pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), possui graduação em Teatro pela mesma instituição, - com bolsa sanduíche no exterior (CNPq-CAPES) na Universidade de Évora (UÉ), em Portugal -, e em Artes Visuais pelo Centro Universitário Claretiano de Batatais (CEUCLAR).

 lclarcher@hotmail.com  <http://lattes.cnpq.br/7649863724834922> | 



## Caracterización escénica: un relato sobre procesos de enseñanza-aprendizaje-creación en maquillaje

### Resumen

Este texto comparte mi experiencia docente en la asignatura de Caracterización, ofrecida en el curso de Teatro de la Universidad Federal de Uberlândia (UFU), durante los años 2017 y 2018. La escritura contextualiza el relato, presentando el camino propuesto por mí para enseñar-aprender-crear caracterización escénica, en particular el maquillaje, en la educación superior. Además, evidencia los ejercicios propuestos y las tácticas artístico-pedagógicas elaboradas, articulando conocimientos sobre maquillaje con diferentes aspectos de la puesta en escena teatral y de las prácticas pedagógicas en Teatro. Para ello, se utilizan como material de apoyo los registros fotográficos de las clases y de los trabajos finales desarrollados por las clases a lo largo de los semestres.

**Palabras clave:** Caracterización Escénica. Maquillaje. Tácticas Artístico-pedagógicas.



## Contextualizando o relato

As experiências compartilhadas neste texto dizem respeito à minha atuação como artista-docente-pesquisador no curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), entre os anos de 2016 e 2018. Durante esse tempo, fui responsável pela disciplina *Caracterização*, ofertada tanto para estudantes da licenciatura, quanto do bacharelado.

Em 2017, lecionei a componente curricular para duas turmas: uma do sexto período, composta por alunos de ambas as modalidades, licenciatura e bacharelado, e outra do oitavo período, formada exclusivamente por licenciandos. No ano seguinte, 2018, em meio a uma reformulação curricular, ministrei aulas para o terceiro e o sexto períodos, com turmas mistas, reunindo licenciandos e bacharelados.

As turmas eram constituídas por, no máximo, quinze estudantes, que trabalhavam, muitas vezes em duplas, possibilitando desenvolvimentos individuais mais significativos ao longo dos semestres. Ademais, as turmas não eram formadas apenas por estudantes de Teatro. Também cursavam a disciplina, de modo optativo, estudantes de cursos como: Dança, Artes Visuais, Design e Arquitetura, o que ampliava o campo das trocas e contribuía para a construção de uma abordagem interdisciplinar.

Segundo o Projeto Pedagógico do curso de Teatro da UFU, a disciplina *Caracterização* tinha como objetivo articular teoria e prática por meio de atividades desenvolvidas em ateliê de experimentação<sup>2</sup>. Propunha-se, com isso, integrar na componente curricular as dimensões artística e pedagógica.

A proposta exigia atenção contínua aos conteúdos trabalhados, como também às metodologias utilizadas dados os distintos e possíveis campos de atuação dos estudantes no futuro. Ainda que eu não tenha, até então, me debruçado de forma sistemática no ensino-aprendizagem-criação<sup>3</sup> de caracterização na educação básica, por exemplo, reconheço nesse campo um potencial formativo capaz de ampliar as possibilidades metodológicas do Teatro na escola.

---

<sup>2</sup> Proposta implementada pelo Prof. Dr. Getúlio Góis, quando docente de Caracterização do curso de Teatro da UFU e, posteriormente, seguida pelo Prof. Dr. Mario Piragibe, responsável pela disciplina na referida graduação.

<sup>3</sup> Terminologia que se refere às atividades de docência que congregam também o caráter artístico.



A compreensão supracitada orientou a construção de táticas artístico-pedagógicas<sup>4</sup> voltadas ao desenvolvimento de habilidades técnicas — considerando que muitos estudantes estavam tendo seu primeiro contato com a maquiagem — e à formulação de propostas que pudessem ser levadas para futuras experiências como docentes dos licenciandos. A sala de aula se constituía, portanto, como um espaço de descobertas compartilhadas, mobilizando aprendizados tanto para os discentes, quanto para mim, enquanto docente.

Nesse sentido, este texto se torna pertinente por, a partir de uma experiência, relatar o caminho trilhado por mim para ensinar-aprender-criar caracterização cênica, em específico a maquiagem, no ensino superior e, com isso, buscar fomentar a descoberta de outros modos para o mesmo fim. Sem deixar de lado, é claro, as discussões pertinentes à na encenação teatral e nas proposições pedagógicas em Teatro.

### Ateliês de experimentação - Parte teórica

Inicialmente, as aulas buscavam uma apresentação terminológica e histórica da caracterização cênica, especialmente da maquiagem, promovendo a análise de imagens e a ampliação dos repertórios visuais dos estudantes. Nesse processo, era fundamental problematizar as noções de caracterização cênica e de maquiagem, frequentemente compreendidas de forma restrita. Reduzir a caracterização à maquiagem, ou esta última apenas à aplicação de cosméticos sobre a pele, é ignorar sua complexidade técnica e poética.

Segundo o Decreto nº 82.385, de 5 de outubro de 1978, que regulamenta a Lei nº 6.533, de 24 de maio de 1978, que dispõe sobre as profissões de artista e de técnico em espetáculos de diversões, e dá outras providências, o “caracterizador é quem cria e projeta características físicas artificiais, maquiagem e penteados do personagem, definidos pela direção do espetáculo” (BRASIL, 1987, n.p.). Essa definição evidencia que a caracterização envolve um conjunto articulado de elementos que ultrapassam a maquiagem em si.

Por sua vez, Patrice Pavis, em *Dicionário de Teatro* (2008, p. 243), ao afirmar que o rosto “é o lugar onde o sentido desenha signos na carne”, revela as dimensões plástica, expressiva e dramatúrgica da maquiagem. Para o autor, a maquiagem não apenas compõe a visualidade do corpo em cena, mas se integra à atuação. Em uma passagem de seu livro *A análise dos*

<sup>4</sup> Ações específicas que viabilizam um ou mais objetivos de ensino-aprendizagem-criação.



espetáculos (2015, p. 170), Pavis reforça essa visão ao afirmar que “o cenário colado ao corpo do ator se torna figurino, o figurino que se inscreve em sua pele se torna maquiagem”, sugerindo uma continuidade entre os elementos visuais da cena.

As citações acima corroboram para a importância de se pensar a maquiagem em articulação com cabelos, adereços e figurinos — elementos que, em diversas experiências cênicas, mostram-se indissociáveis. Essa abordagem integrada é fundamental para a construção da aparência de personas<sup>5</sup> cênicas e para a compreensão da maquiagem como uma linguagem própria.

Nesta contextura, a noção de design de aparências, cunhada por Adriana Vaz Ramos no livro *O design de aparência de atores e a comunicação em cena* (2013), mostra-se pertinente. Ao reunir elementos em uma lógica composicional coesa, Ramos lembra que a aparência de personas cênicas é percebida de forma integrada pelo espectador. Trata-se de um pensamento de natureza sistêmica e colaborativa, no qual figurino, maquiagem, cabelo e demais aspectos visuais não operam como partes isoladas, mas como um conjunto harmônico e intencional.

Complementarmente, o conceito de visagismo, desenvolvido no Brasil por Philip Hallawell e compartilhado em seus livros *Visagismo – harmonia e estética* (2010) e *Visagismo integrado: identidade, estilo e beleza* (2010), contribui para o aprofundamento das discussões sobre composição visual de personas, ainda que não esteja circunscrito apenas ao universo das Artes Cênicas. O visagismo propõe o uso consciente da maquiagem e do cabelo (coloração, corte e penteado) para construir uma imagem também harmônica e intencional, ampliando os conhecimentos de caracterizados cênicos e de maquiadores.

Ainda nesse primeiro momento da disciplina, eu e os estudantes voltávamos nosso olhar para a história da maquiagem nas Artes Cênicas, compreendendo-a não apenas como um mero recurso estético, mas também como prática atravessada por memórias e simbologias. Assim, as aulas percorriam, por meio da análise de imagens, rituais cênicos da Grécia Antiga, como os ditirambos, evidenciando que o trigo, utilizado para esbranquiçar o rosto, e o vinho, usado para avermelhar as bochechas, ainda ecoavam em outros tempos e contextos, como na maquiagem do cinema mudo, por exemplo.

Outro aspecto relevante nas aulas era perceber como as arquiteturas teatrais e os

---

<sup>5</sup> Neste texto, utilizei o termo persona como alternativa mais ampla às acepções tradicionalmente vinculadas à palavra personagem.



espaços cênicos influenciaram os modos de conceber a maquiagem para a cena. O surgimento dos teatros fechados na idade Moderna, a título de exemplo, exigiu uma estética mais próxima do cotidiano, em contraste com os traços exagerados das encenações ao ar livre.

Ademais, buscava destacar nas aulas que, no início do século XX, com a chegada da luz elétrica e com o impacto de novas correntes artísticas — como o expressionismo —, apareceram profissionais pioneiros da maquiagem para o cinema, que influenciam ainda o tempo presente nas obras de Robert Wilson, nos musicais da Broadway, nos espetáculos do Cirque du Soleil, e, até mesmo as montagens do Grupo Galpão, no Brasil.

Os exemplos levados à sala de aula incluíam ainda tradições orientais, manifestações da cultura popular brasileira e expressões contemporâneas de *performance art*, a fim de ampliar o referencial visual dos estudantes. Conversávamos sobre a figura do palhaço, cuja identidade visual está fortemente ancorada na maquiagem, e a da *drag queen*, que transita por diferentes espaços, tendo na maquiagem um de seus traços distintivos. Por fim, refletíamos sobre como o uso da maquiagem se transforma nas redes sociais, onde alguns artistas compartilham seus trabalhos.

Ao conteúdo supracitado somavam-se as funções da maquiagem elencadas por Patrice Pavis, bem como na dissertação *Um rosto para a personagem: o processo criativo das maquiagens do espetáculo teatral “Partido”, do Grupo Galpão* (2004) e no artigo *Caracterização Teatral: uma arte a ser desvendada* (2009), ambos de Mona Magalhães. Essas funções são: embelezar o rosto, acentuar e/ou reforçar os traços faciais, codificar expressões, teatralizar a fisionomia e expandir os limites do rosto. Esta última, revelando a potência da maquiagem quando extrapola a face para se tornar *body art*.

Como parte da avaliação da parte teórica dos ateliês de experimentação, em 2017, propus a elaboração de uma resenha crítica. A atividade partia da leitura de um trecho da tese de Roberto Lapagne, *Maquiagem teatral: uma experiência metodológica de ensino na licenciatura em Teatro* (2015), e tinha como foco o entendimento das mudanças paradigmáticas da maquiagem nas Artes Cênicas e sua influência na produção contemporânea. Já em 2018, optei por um formato diferente: a realização de seminários temáticos, também com base no texto de Lapagne, substituindo minhas aulas expositivo-dialogadas sobre a história da maquiagem nas Artes Cênicas. Essa proposta possibilitou aos estudantes



desenvolver um estudo dirigido sobre o tema, assumindo o papel de mediadores do conhecimento junto aos colegas.

Nesta altura desta escrita, considero fundamental reconhecer e valorizar o pensamento e a produção bibliográfica nacional sobre a caracterização cênica e a maquiagem, ao permitir a difusão de informações internacionais e contribuir significativamente no avanço do campo teórico e prático, inclusive na disciplina aqui em foco. Trabalhos acadêmicos, como teses e dissertações<sup>6</sup>, eram essenciais para a primeira parte da componente curricular e evidenciam que, embora ainda necessite de fortalecimento e maior difusão, a pesquisa acadêmica no Brasil acerca do tema existe e é significativa.

### Ateliês de experimentação - Parte prática

Como etapa introdutória da parte prática dos ateliês de experimentação, considerava fundamental que os estudantes tivessem contato com os nomes e as funções dos instrumentos - pinceis, esponjas etc. - e dos materiais - substâncias e/ou cosméticos: bases, pós, sombras, lápis, batons etc. - de trabalho, recorrendo, para tanto, a manuais como o de Duda Molinos, *Maquiagem* (2010).

Assim, os estudantes poderiam montar um pequeno kit para as aulas, mesmo que, frequentemente, isso representasse um desafio para alguns por limitações financeiras. Entretanto, no intuito de demonstrar que o valor artístico da criação não se define pelo custo do material, mas pela intencionalidade e uso poético dos recursos disponíveis, procurava apresentar alternativas viáveis, como materiais de valores mais acessíveis àqueles produtos ditos profissionais.

Nas primeiras aulas práticas, costumava conduzir, igualmente, os estudantes à compreensão de fundamentos da anatomia da face — principal área de aplicação da maquiagem, ainda que ela pudesse se estender para outras partes do corpo. Além da anatomia, abordava a fisionomia e a fisiognomonia<sup>7</sup>, tratando o rosto, então, não apenas como superfície

---

<sup>6</sup> Para além dos trabalhos de Mona Magalhães e Roberto Laplagne, merecem destaque outros disponíveis à época em que a experiência relatada neste artigo se deu, como o de Jesus Vivas, o de Marcelo Denny, o de Márcia Cristiane Dall Oglie de Moraes e o de Renata Cardoso.

<sup>7</sup> Estudo pseudocientífico - podendo assumir cunho racista -que tenta inferir a personalidade, o temperamento e, até mesmo, o caráter de uma pessoa através da observação e análise da fisionomia.



plana, mas como território de produção de sentidos - ou dramatúrgico -, como lembra os estudos de Hallawell.

Nesse processo, costumava elencar princípios advindos das Artes Visuais — especialmente do desenho, da pintura e da escultura — para a compreensão do rosto como um campo plástico e expressivo tridimensional. Entre esses princípios, destaco os elementos básicos das visualidades listados por Donis A. Dondis em seu livro *Sintaxe da linguagem visual* (2015): ponto, linha, forma, tom (luz sombra), volume, cor e textura. Creio que muitos dos princípios das Artes Visuais são extremamente valiosos para pensar a maquiagem, permitindo aos estudantes conceber propostas coerentes com seus desejos e executar maquiagens de forma tecnicamente eficaz.

Lembro, ainda, que nas primeiras aulas da parte prática dos ateliês de experimentação propunha um exercício no qual eu e os estudantes retomávamos as formas geométricas primárias - círculo, quadrado e triângulo - e suas correspondentes tridimensionais - esfera, cubo e cone -, com o objetivo de identificá-las na face humana. Um desenho simples — frequentemente feitos por mim no quadro negro, para a turma - constituía-se como tática artístico-pedagógica, direcionando a percepção das formas nos rostos e criando uma conexão entre a geometria e a modelagem facial.

A continuidade do exercício explicitado a pouco teve uma de suas formulações mais significativas em 2018, durante uma colaboração de Camila Tiago, Diretora de Iluminação da UFU. Juntos, idealizamos e realizamos uma atividade utilizando objetos geométricos e luz. Colocamos grandes objetos tridimensionais, como esfera, cone e cubo, sob diferentes angulações e incidências de luz cênica, com o objetivo de demonstrar a formação das zonas de luz, de sombra própria e de sombra projetada em outras superfícies (imagem 1).

A concepção da tática mencionada não foi algo premeditado, mas sim uma necessidade de compartilhar e tornar comprehensível um conhecimento que eu carregava individualmente. A partir dessa proposta, os estudantes puderam comparar as variações observadas com as dos próprios rostos, estabelecendo relações diretas entre forma, tom e volume. A tática revelou-se extremamente potente e, ao longo do semestre, ficou evidente a contribuição da mesma para as elaborações de maquiagem.



Imagen 1: O docente Lucas Larcher em atividade utilizando objetos geométricos e luz



Fonte: Arquivo de registro pessoal do autor.

Outra tática incorporada às minhas aulas foi formulada por Mona Magalhães. Tratava-se de um exercício em que os estudantes desenhavam uma esfera na testa — por ser uma região relativamente plana —, para observar como a luz incide sobre ela, quando frontal e superior, e como se formam as zonas de luz e sombra no sólido geométrico quando a pele é a superfície de apoio (imagem 2). O objetivo do exercício era, novamente, que os estudantes não apenas reproduzem visualmente uma imagem, mas compreendessem o(s) elemento(s) da linguagem visual que a sustenta(m).

Após debruçarmos na esfera, avançávamos para um exercício de expansão, em que outras formas e volumes eram trabalhados para pensar a construção de luz e de sombra em toda a face. Nesse momento, abordava a ideia de uma maquiagem mais realista ou próxima do social, com coberturas simples da pele a partir do uso de cosméticos, observando como mesmo uma maquiagem aparentemente neutra produz plasticidade, expressividade e sentidos.



Um exercício que se mostrou bastante eficaz nas aulas foi a maquiagem de meio rosto. Enquanto metade da face dos estudantes era maquiada, a outra permanecia ao natural. Isso permitia uma comparação imediata das alterações na textura da pele, na luminosidade e na percepção de profundidade (imagem 3). A dinâmica consolidava a iniciação ao tom - ou da luz e sombra - na maquiagem, uma vez que o mesmo já emergia nas fazeres dos estudantes, possibilitando a abordagem de outras temáticas de maquiagem.

**Imagen 2 e 3:** Os estudantes Ana Vitória Mattar e Alessandro Terras Altas em exercícios de desenho de uma esfera na testa e de maquiagem de meio rosto, respectivamente.



Fonte: Arquivo de registro pessoal do autor

Os exercícios explorados nas aulas seguintes aprofundavam ainda mais a ideia de transformação da forma facial por meio do uso expressivo de luz e de sombra. Os estudantes eram incentivados a experimentar alterações em suas testas, em suas sobrancelhas, em seus narizes, em suas bochechas, em suas barbas, em seus queixos etc. Adentrávamos, assim, o campo da construção de tipos cênicos, em que a maquiagem pode operar como uma ilusão de ótica, transformando o rosto natural em um outro — o rosto de uma persona com traços notórios (imagem 4).

Na sequência, abordava o tema do envelhecimento (imagem 5). A criação de rugas, de marcas e de relevos na pele exigia dos estudantes, tal como no caso dos tipos, uma mudança



de perspectiva em relação ao próprio processo. Era necessário afastar-se do espelho e observar a maquiagem a certa distância, uma vez que o efeito pretendido só se revelava plenamente desta maneira, reiterando que o que parece artificial à curta distância, adquire verossimilhança quando visto de longe.

Além disso, outros elementos eram incorporados à construção da aparência de envelhecimento no exercício, como pelos e cabelos brancos, e adereços, como óculos e xales. Tais inserções reforçavam a noção de que a maquiagem não atua de forma isolada, mas em diálogo com um conjunto de recursos que compõem a imagem de uma persona — alinhando-se ao conceito de design de aparências, proposto por Ramos.

**Imagen 4 e 5:** Os estudantes Adriel Parreira, Ricardo Moraes e Natália Dreossi em exercícios de maquiagem de tipos cênicos e de envelhecimento, respectivamente.



Fonte: Arquivo de registro pessoal do autor

Já no segundo momento da parte prática do ateliê de experimentação, acrescentava ao estudo de luz e de sombra a investigação das propriedades da cor — elemento visual que amplia significativamente as possibilidades da maquiagem. Na aula, apresentava a teoria das cores, a partir dos escritos de Israel Pedrosa, no livro *Da cor à cor inexistente* (2009), com



ênfase na cor-pigmento, abordando conceitos como: cores análogas, cores complementares, entre outros. Esses eram explorados por meio de exercícios práticos atrelados a distintas temáticas: uma de inspiração oriental, em 2017 (imagem 6), e outra de caráter *clownesco*, em 2018 (imagem 7).

Um aspecto particularmente instigante do trabalho com a cor-pigmento era a observação de sua interação com a cor-luz. Por meio de uma tática, realizada novamente em parceria com Camila Tiago, os estudantes puderam observar como a incidência da cor-luz sobre a cor-pigmento podia alterar radicalmente a aparência de uma maquiagem. Essa tática evidenciava o impacto da luz cênica no teatro e seu poder de transformar os demais elementos visuais da cena.

Dessa maneira, os estudantes compreendiam que, muitas vezes, uma maquiagem que é elaborada e executada a partir de uma luz cotidiana e/ou doméstica assume configuração diferente sob a luz cênica. Essa transformação exige que nós, artistas, pensemos estrategicamente o efeito desejado em cena, ajustando nossas criações para alcançar o resultado pretendido. Da mesma maneira, os estudantes atentavam-se para a necessidade do caracterizador cênico e/ou do maquiador e do iluminador em dialogar.

**Imagem 6 e 7:** Os estudantes Murilo Lorran e Kassio Rodrigues em exercícios de maquiagem de inspiração oriental e clownesca, com incidência de diferentes cores-luz, respectivamente.



Fonte: Arquivo de registro pessoal do autor



Aqui pontuo outro aspecto sempre repetido aos estudantes em minhas aulas. Nas Artes Cênicas, todos os profissionais precisam compreender a importância das diferentes áreas e, consequentemente, dos diferentes elementos na composição cênica. Deixar a caracterização, em especial a maquiagem, e a iluminação como últimos componentes a serem trabalhados nas produções é um erro tradicional que pode ocasionar uma alteração na concretização de um conceito maior, da encenação.

É necessário a elaboração de dinâmicas de testar, “fazer junto”, compreendendo as especificidades e as relações que se travam entre os diferentes componentes da cena.

Depois disso, dava prosseguimento ao estudo das cores com outro exercício, agora de temática animal, abordando também o elemento textura. Na proposta feita às turmas de 2018, ocorreu uma situação digna de nota. Indiquei que elaborássemos uma maquiagem inspirada em um felino (imagem 8). No entanto, ao final da atividade, muitos estudantes manifestaram desapontamento por não conseguirem representar bem os pelos do animal no rosto, alegando que o trabalho estava com aparência feia e/ou de mal feito. O que se devia, em grande parte, à falta de instrumentos e materiais adequados, como o *pancake* preto e o pincel *kabuki duo fiber*, necessários para construir a textura óptica desejada.

Retomando as discussões sobre instrumentos e materiais — assim como as alternativas mais viáveis e acessíveis dos mesmos —, enfatizei aos alunos que, em certos casos, existem elementos difíceis de serem substituídos na elaboração de uma maquiagem. Ainda assim, caberia a eles transformarem as decepções surgidas no processo de ensino-aprendizagem-criação em trampolins para invenções outras, como encontrar suas próprias táticas para viabilizar determinados efeitos visuais a partir de outros recursos disponíveis.

Decepções como a vivida pela turma de 2018 não são incomuns em proposições pedagógicas. Se atividades como a narrada forem levadas à escola básica, por exemplo, onde quase sempre há limitações materiais e orçamentárias, os resultados podem não corresponder às expectativas. O que, consequentemente, pode gerar insatisfação tanto nos docentes, quanto nos discentes. É importante, portanto, que os exercícios de maquiagem sejam compreendidos como oportunidades formativas, em que a precariedade e a invenção se fazem presentes como componentes legítimo, levando-se em conta as condições reais de trabalho.

Na sequência, a maquiagem com temática *drag queen* sintetizava diversos conteúdos



explorados ao longo da disciplina. Ele envolvia desafios técnicos complexos, com destaque para redesenhar a estrutura facial, acentuando traços considerados femininos (imagem 9). Apesar do entusiasmo por parte dos estudantes, essa proposta sempre apresentava dificuldades e frustrações. As altas temperaturas de Uberlândia e a ausência de materiais específicos — como a cola em bastão de base oleosa, substituída por versões nacionais à base de água — comprometiam, por exemplo, a ocultação das sobrancelhas e a durabilidade da maquiagem.

Entretanto, o exercício de temática *drag queen* era muito importante à medida que ratificava a importância de se observar a maquiagem a certa distância, a influência da luz - cênica ou não - na maquiagem e o papel de pelos e de cabelos, bem como dos adereços na caracterização cênica, como abordei neste texto. As perucas e os adereços, em particular, funcionavam como molduras para o rosto, no caso das *drags*, deslocando o foco das imperfeições da maquiagem. Ao vivenciar o exercício, os estudantes eram convidados, mais uma vez, a compreender que a eficácia da maquiagem não reside apenas na técnica, mas na sua relação com a atuação e a percepção do espectador.

Imagen 8 e 9: Os estudantes Vitor Matsuo, José Venâncio e Bárbara Morais em exercícios de maquiagem animal felina e de *drag queen*, respectivamente.



Fonte: Arquivo de registro pessoal do autor



Por fim, cabe destacar que não era possível abordar a totalidade dos conteúdos previstos para a disciplina durante o semestre. As limitações de tempo, o número de estudantes e, sobretudo, o ritmo mais lento de desenvolvimento dos discentes exigiram a priorização de determinados temas. Deste modo, tópicos como as possibilidades de elaboração de maquiagem com massas e látex, incluindo a simulação de ferimentos e de secreções não podiam ser devidamente explorados.

No entanto, em uma das turmas de 2017, devido à confluência de diversos fatores, foi possível apresentar brevemente aos estudantes aspectos acerca do tópico acima, por meio da tática de preparação de uma massa caseira — composta por amido de milho e vaselina — e sua utilização na criação de alterações faciais simples, como modificações em orelhas e nariz (imagem 10). Tática que despertou grande interesse na turma.

**Imagen 10:** O estudante Lucas Sah em exercícios de alterações faciais simples por meio de massa caseira.



**Fonte:** Arquivo de registro pessoal do autor

Por sua vez, a avaliação da parte prática dos ateliês de experimentação consistia na elaboração e na entrega de um *portfólio*, que documentava os exercícios realizados — e que foram as fontes das imagens utilizadas neste relato. Nesta ocasião, as propostas se



transformaram em atividades de natureza criativa, favorecendo o desenvolvimento da capacidade de formular ideias e soluções por parte dos estudantes. E os *portfólios* serviam de registro das diferentes partes das experimentações, permitindo que os estudantes acessassem e/ou retomassem os exercícios no futuro, se necessário.

## Projetos finais

Na etapa final da disciplina, que integrava o ateliê teórico e o prático, os estudantes eram convidados a desenvolver projetos finais. A proposta consistia em que cada discente elaborasse uma caracterização individual e participasse de uma apresentação performática coletiva, estruturada a partir de um universo temático previamente definido por mim. Em 2017, o tema proposto foi: seres místicos e fantásticos, enquanto em 2018, sugeriu: fetiches, fantasias e desejos sexuais. Tratavam-se de temas deliberadamente amplos, com o intuito de proporcionar aos estudantes liberdade para identificar, dentro desses campos simbólicos, um território criativo que fosse ao mesmo tempo instigante e propício ao desenvolvimento de suas propostas.

Destaco que, para a realização dos projetos finais, era imprescindível a pesquisa de referências imagéticas, com o objetivo de aprofundar a compreensão sobre a persona a ser construída. Outro recurso fundamental no processo era a elaboração de um croqui — um esboço simples, porém crucial para antever as alterações nas feições do rosto e orientar as decisões da caracterização. No entanto, considerava a etapa mais relevante na proposta a execução da maquiagem, por parte dos estudantes, de maneira presencial, exigindo que o processo de caracterização ocorresse junto e/ou diante de toda a turma.

Em 2017, propus a realização de uma intervenção urbana no centro da cidade de Uberlândia, ocorrida durante a madrugada. Caracterizados, os estudantes e eu circulamos pelas ruas compondo um cortejo que provocava reações ambíguas nos transeuntes, gerando questionamentos sobre a natureza daquela ação — ritual religioso ou manifestação artística (imagem 11).



Imagen 11: Turmas de 2017 em apresentação performática coletiva



Fonte: Arquivo de registro pessoal do autor

Dentre os projetos desenvolvidos naquele ano, destaco o da estudante Giovanna Parra, que realizou uma construção particularmente rica, articulando figurino, cabelo e maquiagem para a aparência de sua persona cênica. Sua caracterização incluiu o uso de lentes de contato e pedrarias coladas na pele, compondo uma visualidade impactante e coerente com os exercícios vivenciados nos ateliês de experimentação da disciplina (imagem 12).

Outro trabalho de grande destaque foi o da estudante Isabela Palhares, cuja maquiagem apresentou um nível de refinamento técnico notável. Além da utilização de uma peruca habilmente entrelaçada a seus cabelos naturais, a estudante conseguiu dissimular parte de sua sobrancelha com tanta sutileza que a intervenção passava despercebida a olho nu (imagem 13). O tempo e a atenção dedicados a esse acabamento resultaram em uma execução técnica precisa, que evidenciava o desenvolvimento da estudante durante o semestre.



Imagen 12 e 13: As estudantes Giovanna Parra e Isabela Palhares em seus projetos finais da disciplina.



Fonte: Arquivo de registro pessoal do autor

Já em 2018, apresentação performática coletiva das turmas se deu nas dependências da UFU. A decisão foi motivada pelo número elevado de estudantes envolvidos na ação e pelas exigências logísticas associadas à realização de uma intervenção no espaço urbano naquele período. Além disso, muitos dos estudantes incorporaram em seus projetos finais adereços como amarras e algemas, o que demandava cuidados adicionais em relação à segurança e à viabilidade da circulação fora dos limites territoriais da universidade (imagem 14).



Imagen 14: Turmas de 2018 em apresentação performática coletiva.



Fonte: Arquivo de registro pessoal do autor

Dos projetos elaborados em 2018, merece destaque o desenvolvido pela estudante Lara Pires, cuja caracterização revelou notável apuro técnico. Apesar de, no início do semestre, a estudante ter demonstrado insegurança em relação ao uso de maquiagem — chegando a afirmar que não tinha aptidão para a atividade —, a mesma surpreendeu ao longo do processo formativo, encontrando uma via expressiva própria e demonstrando amadurecimento notável ao fim da disciplina, com a proposição de uma persona cuja a maquiagem explorava concomitantemente luz, sombra, cores e texturas (imagem 15).

Outro trabalho digno de comentário foi o da discente Rosanna Portilho, que reutilizou a peruca da estudante Isabela, na construção de sua persona. O efeito visual obtido pela maquiagem — com olhos ampliados e aparência de pele artificial — acentuava, junto do cabelo, tanto a dimensão inumana, quanto o caráter erótico pretendidos, evidenciando uma elaboração provocativa e conceitualmente coerente (imagem 16).



Imagen 15 e 16: As estudantes Lara Pires e Rosanna Portilho em seus projetos finais da disciplina.



Fonte: Arquivo de registro pessoal do autor

Ao final do semestre, após a realização da apresentação performática, cada estudante deveria entregar um registro que documentasse todo o processo de criação de seu projeto final, incluindo as referências imagéticas, o croqui e as fotos e/ou vídeo(s) da execução da maquiagem. Esse material — em diferentes formatos — funcionava como síntese do percurso vivido, articulando ensino-aprendizagem-criação. Tratava-se de um exercício avaliativo que instigava os discentes a se atentarem criticamente sobre suas trajetórias de modo geral na disciplina.

Essa etapa final da componente curricular abria espaço também para reflexões mais amplas sobre a caracterização cênica e a maquiagem em suas dimensões plástica, expressiva e dramatúrgica. Com esse objetivo, recorria aos meus conhecimentos sobre as imagens visuais, afirmado que elas nos permitem parar de ver o que é materialmente dado, para enxergar outra coisa e, ainda que, o poder das imagens é, em muitos casos, o de criar ilusões, apresentando e representando o ausente.

Nesta perspectiva, era/é possível dizer que a caracterização — especialmente a maquiagem — operava/opera como uma mediação entre o visível e o invisível, tornando-se capaz de materializar presenças simbólicas e evocar elementos que não estão literalmente em



cena. Ela constroi sentidos que transcendem suas dimensões plástica e expressiva.

Trazendo à baila as novamente as proposições de Pavis, agora do livro *O teatro no cruzamento de culturas* (2015, p. 29), sobre a encenação quando o autor afirma que ela “não é somente uma produção de sentido (assim, redutível aos significados), porém é também uma produção de sensações”, evidenciava/evidencio sua função dramatúrgica. Atuando não apenas no campo da significação, mas também da afetação, a maquiagem opera no domínio do sensível. E, nesse espaço de ambiguidade, entre o concreto e o imaginário, que a maquiagem se inscreve como potência de enunciação e/ou de dramaturgia.

Finalmente, concluo este texto reforçando, mais uma vez, o quanto a experiência relatada foi significativa, possibilitando descobertas compartilhadas, entre mim e os estudantes. Embora, como docente, tenha oferecido caminhos e elaborado táticas artístico-pedagógicas para que o percurso proposto fosse trilhado, ele foi se inventado continuamente durante os semestres, e cada estudante construiu suas próprias soluções para o desafio de ensinar-aprender-criar maquiagem, fundamentando-se em seus repertórios e nas habilidades desenvolvidas ao longo do processo. Acredito que ensinar é, também, um ato de aprender e de criar continuamente.

## Referências

BRASIL. **Decreto nº 82.385, de 5 de outubro de 1978.** Regulamenta a Lei nº 6.533, de 24 de maio de 1978, que dispõe sobre as profissões de artista e de técnico em espetáculos de diversões, e dá outras providências.

DENNY, Marcelo. **Funções expressivas e comunicativas da maquiagem na arte teatral.** Dissertação de Mestrado em Artes Cênicas, Universidade de São Paulo, São Paulo: 2004.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual.** São Paulo: Martins Fontes, 2015.

HALLAWELL, Philip. **Visagismo integrado:** identidade, estilo e beleza. São Paulo: Editora SENAC, 2010.

HALLAWELL, Philip. **Visagismo – harmonia e estética.** São Paulo: Editora SENAC, 2010.

LAPLAGNE, Roberto. **Maquiagem teatral: uma experiência metodológica de ensino na licenciatura em Teatro.** Tese de Doutorado em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia, Salvador: 2015.



LAPLAGNE, Roberto. **A maquiagem de Claudete Elói na companhia de teatro da UFBA nas montagens: Na selva das cidades; A mulher sem pecado; e Hedda Gabler.** Dissertação de Mestrado em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia, Salvador: 2007.

MAGALHÃES, Mona. **Maquiagem e pintura corporal: uma análise semiótica.** Tese de Doutorado em Estudos Linguísticos, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2010.

MAGALHÃES, Mona. Caracterização Teatral: uma arte a ser desvendada. In: TELLES, Narciso; FLORENTINO, Adilson. **Cartografias do ensino do teatro.** Uberlândia: EDUFU, 2009.

MAGALHÃES, Mona. **Um rosto para a personagem: o processo criativo das maquiagens do espetáculo teatral “Partido”, do Grupo Galpão.** Dissertação de Mestrado em Ciência da Arte, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2004.

MOLINOS, Duda. **Maquiagem.** São Paulo: Senac, 2010.

MORAES, Márcia Cristiane Dall Oglio de. **O efeito de real e o efeito teatral: reflexões sobre o lugar da maquiagem no teatro ocidental.** Dissertação de Mestrado em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

PAVIS, Patrice. **Análise dos espetáculos.** São Paulo: Perspectiva, 2015.

PAVIS, Patrice. **O teatro no cruzamento de culturas.** São Paulo, Perspectiva, 2015.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro.** São Paulo: Perspectiva, 2008.

PEDROSA, Israel. **Da cor à cor inexistente.** São Paulo: SENAC-SP, 2009.

RAMOS, Adriana Vaz. **O design de aparência de atores e a comunicação em cena.** São Paulo: SENAC, 2013.

SILVA, Renata Cardoso da. **O Mambembe: uma experiência de criação de maquiagem na formação de atores.** Dissertação de Mestrado em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

VIVAS, Jesus. **A maquiagem no processo de construção do personagem.** Dissertação de Mestrado em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004

Recebido em: 15/05/2025  
Aprovado em: 15/12/2025

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC  
Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas – PPGAC  
Centro de Arte, Design e Moda – CEART  
*A Luz em Cena* – Revista de Pedagogias e Poéticas Cenográficas  
[aluzemcena.ceart@udesc.br](mailto:aluzemcena.ceart@udesc.br)